

ARTICULAÇÃO DA AFINAÇÃO E A ARTE PARA MARTIN HEIDEGGER

Ms. Luis Jardim/ Puc-SP

Resumo: A Afinação é um existencial constitutivo da abertura do *Dasein*. Este é sempre afinado de um modo ou de outro, e como tal, a afinação co-determina a compreensão e o mundo do *Dasein* individual e coletivo. No resguardar da obra de arte, o acontecimento da verdade no ente, provoca um abalo que retira o *Dasein* do cotidiano e institui a verdade e o modo de compreensão do ente para um povo. O abalo do acontecimento da verdade pode re-articular a afinação de um povo histórico e fundar uma era.

Palavras-chave: Martin Heidegger, afinação, arte.

O

conceito de Afinação (*Stimmung*) é trabalhado ao longo de toda obra de Martin Heidegger e tem uma importância fundamental, no percurso do filósofo, em direção à questão única do seu pensamento: a questão pelo ser.

O filósofo alemão nunca pretendeu fazer e nem fez Filosofia da Arte tampouco Filosofia Estética. Porém, na transição para a virada (*Kehre*) do pensamento, a análise da poesia e da arte emergem em sua obra como um importante caminho para pensar a questão da verdade do ser.

O intuito deste texto é apresentar, de modo geral, a compreensão de Heidegger sobre o conceito de afinação e, posteriormente, pensar como pode se dar uma articulação deste conceito a partir da arte.

Heidegger se utiliza do termo *Dasein*, ou ser-aí, para nomear o modo de ser fundamental do homem. A importância da análise do *Dasein*, na primeira fase de sua filosofia, vem do fato deste ente ser o único ente que compreende ser e se relaciona com seu próprio ser.

O mundo do *Dasein* é determinado, primeiramente, pela sua abertura (*Erschlossenheit*). O *Dasein* não tem uma abertura, mas “o *Dasein* é sua abertura” (Heidegger 1927, p.186), isto quer dizer que ele existe sempre a partir desse *lugar* aberto pelo qual está junto aos outros e aos entes. A abertura, o “aí”, é condição de possibilidade de compreensão do mundo e, portanto, de si mesmo e dos outros.

Articulados pelo existencial da Fala (*Rede*), Compreensão e Disposição (*Befindlichkeit*) constituem, co-originariamente, a abertura. É a abertura que possibilita ao *Dasein* a lida com as coisas e com os outros.

Para Heidegger, o que foi indicado existencialmente com o termo Disposição, é, *onticamente*, o mais conhecido e o mais cotidiano, a saber, a afinação, o estar-afinado (Heidegger 1927, §29). O *Dasein* do homem está desde sempre afinado de um modo ou outro, isto é, está inserido em uma determinada afinação.

As afinações não são *vivências* ou *sentimentos* que emergem a cada momento. Compreender a afinação a partir dessas noções distorce seu sentido originário. Muito antes, o homem somente pode “sentir” ou “vivenciar” algo porque já está sempre abandonado a uma certa afinação que é desveladora do ente de um determinado modo.

Uma afinação é um *jeito*, como uma melodia ao qual o homem está imerso e que fornece a ele um certo *tom*, ou seja, que afina e determina o *modo* e o *como* de seu ser. As possibilidades existenciais do *Dasein* são sempre abertas a partir do modo como está afinado.

A afinação é, precisamente, o modo de ser fundamental como nós nos encontramos *fora* de nós mesmos. No entanto, é assim que somos essencial e constantemente (Heidegger 1936b, p.92).

A afinação nos dá o *como* de nosso *Dasein* compartilhado (Heidegger 1929/30, p.80), isto é, ela sempre diz respeito, ao mesmo tempo, ao ser-com-os-outros. O caráter de ser-com-os-outros está sempre transpassado por uma afinação que não é uma manifestação paralela ao *Dasein*, mas justamente o que determina, desde o início, a possibilidade de ser-com. O estar afinado se dá como se um tom sempre estivesse aí, como uma atmosfera, na qual sempre e a cada vez estamos inseridos e desde a qual, seríamos transpassados por sua tonalidade.

Transpassados por uma afinação, compreendemos as coisas a partir desta. Para Heidegger, toda compreensão é sempre afinada. As “afinações são o *como* de acordo

com o qual as coisas são para alguém de um modo ou de outro” (Heidegger 1929/30, p.81). A partir da compreensão sempre afinada, a abertura do *Dasein* possibilita “escutar, por assim dizer, o ser dos entes que antes já se abriram” (Heidegger 1927, p.194). A escuta do ser dos entes é determinada pelo modo como o *Dasein* se encontra afinado, como um *filtro* o qual permite ver apenas a partir de sua *cor*.

Para Heidegger, “na compreensão subsiste, existencialmente, o modo de ser do *Dasein* enquanto poder-ser” (Heidegger 1927, p.198). Na medida em que a afinação determina a compreensão e esta fundamenta a abertura do mundo, o *Dasein pode*, de início e na maior parte das vezes, compreender a si mesmo e às suas possibilidades a partir de seu mundo (Heidegger 1927, p.202). Em outras palavras, o *Dasein* já sempre se abriu numa sintonia com a afinação e, essa abertura afinada, possibilita a escuta dos entes.

O *Dasein* “já está sempre afinado desde o seu fundamento. O que acontece sempre é apenas uma mudança das afinações” (Heidegger 1929/30, p.82). Essa mudança nunca é determinada pela própria vontade, não se pode despertar ou criar voluntariamente uma afinação. As “afinações são sempre apenas superadas e transformadas uma vez mais por outras afinações” (Heidegger 1936b, p.91/2).

Não escolhemos como nos afinamos, mas a cada vez já somos *tomados por* uma determinada afinação. Esta, como que salta por sobre nós e nos arrasta para uma determinada situação. Somos acometidos por uma tal afinação que determina o modo como nos encontramos no mundo com os entes e com os outros.

A afinação nos dá a cada vez o modo de correspondência ao ente. A escuta à fala do ente está, desde o início, transpassada por uma afinação e correspondemos à uma situação sempre a partir do modo como estamos afinados.

Porém, muito antes desse corresponder à “voz do apelo” dos entes intramundanos – esse corresponder que é “necessariamente e sempre [...] um corresponder afinado” (Heidegger 1955, p.219) – muito antes o *Dasein*, já se abriu no mundo numa sintonia com a afinação fundamental de uma época e, o modo como compreende os entes é inicialmente determinado pela concepção de verdade que vigora em sua história.

A afinação fundamental de uma época também é um corresponder, entretanto, é um corresponder, mais geral, ao modo como o *Dasein* já se abriu em meio aos entes em sua totalidade. Isto quer dizer que muito antes do como estamos afinados cotidianamente, somos, de modo mais originário, afinados de acordo com os fundamentos de uma era, dados “através de uma determinada interpretação do ente e através de uma determinada concepção de verdade” (Heidegger 1942, p.97).

Todo comportamento do homem historial, sentido expressamente ou não, compreendido ou não, está afinado e através dessa afinação colocado no ente em sua totalidade (Heidegger 1930, p.338)

As afinações fundamentais, constante e essencialmente, transpassam e afinam os homens, sem que eles precisem reconhecê-las necessariamente como tais. Elas estão aí, mesmo que não nos assenhoremos delas. E, no entanto, nossa abertura para o mundo parte sempre delas. Mesmo que não percebamos como estamos afinados, compreendemos o mundo conforme a afinação o abre para nós pela compreensão.

De início e na maior parte das vezes não nos apercebemos de como estamos afinados.

E exatamente as afinações para as quais não atentamos de maneira nenhuma e que observamos ainda menos, as afinações que nos afinam de um tal modo que tudo se dá para nós como se nenhuma afinação estivesse aí, como se nós não estivéssemos absolutamente afinados: exatamente estas afinações são as mais poderosas (Heidegger 1929/30, p.81)

Não alcançamos a afinação por um impulso artificial e arbitrário, mas “podemos e temos o direito a uma tal afinação quando a deixamos ser” (Heidegger 1929/30, p.72). Ter *direito* a uma afinação significa poder sustentar uma determinada prontidão para ser atingido pelo ente, poder ser tocado de tal modo pelo ente. Isto quer dizer *deixar-ser* uma afinação como deve ser, enquanto afinação.

Para Heidegger, o despertar de uma afinação diz respeito a este deixar-ser. A afinação já está sempre aí, portanto, o despertar de uma afinação não significa primeiramente acordá-la, mas deixá-la estar acordada, protegê-la frente ao adormecimento (Heidegger 1929/30, p.94).

Despertar afinações é um modo de apreender o *Dasein* em relação ao respectivo 'jeito' no qual ele a cada vez é; um modo de acolher o *Dasein* enquanto *Dasein*; melhor ainda, um modo de deixar o *Dasein* ser como ele é ou como ele pode ser, enquanto *Dasein* (Heidegger 1929/30, p.82).

A compreensão da afinação nos abre a possibilidade de apreender o *Dasein* do homem enquanto tal, na medida em que a afinação determina o modo como o *Dasein* foi aberto. A afinação fundamental de uma época determina o modo como o *Dasein* de um povo é em relação às possibilidades de compreensão e do pensar.

Em *Contribuições à filosofia*, Heidegger afirma que todo pensar essencial exige que seus pensamentos e proposições sejam extraídos de *uma* afinação fundamental. Sem a afinação fundamental, “tudo é um tablado forçado de conceitos e moldes de palavras,” [...] “mas a afinação fundamental *afina* o *Da-sein* e com ele o *pensar* como projeto da verdade do Seer (*Sein*) na palavra e conceito” (Heidegger 1936/38, p.35).

A cada vez, somos *tomados por* (*ergreifen*) uma afinação. Todo e qualquer *ser tomado por* advém e permanece em uma afinação, na medida em que se enraíza nesta. Heidegger afirma que “este ‘ser tomado por’, seu despertar e seu cultivo vigem como o esforço fundamental de filosofar. [...] *A filosofia acontece sempre e a cada vez em uma afinação*” (Heidegger 1929/30, p.8/9).

Para o autor alemão, “a compreensão filosófica funda-se em um ser tomado por e este em uma afinação” (Heidegger 1929/30, p.9). Todo questionar funda-se em um *ser tomado por*. Este determina o questionamento e é somente a partir dele que podemos efetivamente chegar a uma compreensão daquilo que perguntamos.

Tanto as afinações fundamentais quanto as afinações cotidianas de correspondência ao ente intramundano se dão em diferentes graus. As afinações, de modo geral, não necessariamente se contrapõem entre si, mas se articulam. A cada vez, somos tomados por diversas afinações simultaneamente a partir de graus de afinação. Essas afinações, desde as mais fundamentais até as mais cotidianas, estão articuladas em uma espécie de *malha* na qual as afinações se entrelaçam. Essa malha de afinações determina o modo como um *Dasein* se constitui, tanto individualmente quanto relativamente a um povo. Esse entrelaçado de afinações depende da afinabilidade (*Gestimmtheit*), isto é, da condição de possibilidade de sermos afinados de tal ou tal modo.

A afinabilidade é anterior às afinações. É ela que determina as possibilidades de articulação das afinações, bem como o modo e as possibilidades de uma afinação advir sobre outra. Uma afinação sempre é, onticamente, de determinado modo porque, ontologicamente, pertence a uma determinada afinabilidade.

Em suma, a afinação, enquanto um constituinte do *Dasein*, determina o modo como se abre o mundo. E isto, desde as afinações mais cotidianas do *Dasein* individual, até às mais fundamentais que determinam a compreensão de ente do *Da-sein* de um povo, de

uma época. Mas o que a arte pode ter a ver com a afinação fundamental? Como poderia a arte ter alguma influência ou participação no modo como somos afinados?

Heidegger nunca teve a intenção de fazer crítica da arte ou mesmo fazer uma filosofia estética. Muito pelo contrário. Para Heidegger, o que importava era a questão única que guiou seu pensamento ao longo de todo seu trabalho: a questão do ser.

Passada a publicação de *Ser e tempo*, fica patente que os limites metafísicos da linguagem tradicional não permitiam continuar caminhando em sua questão. Um outro tipo de linguagem era preciso para pensar ser e é nesse contexto que a análise da arte e da poesia surge nos escritos heideggerianos. A linguagem poética, pelo seu caráter de instituição da verdade, trazia a possibilidade de pensar a verdade do ser.

Segundo Benedito Nunes, na conferência *A Origem da Obra de Arte*, Heidegger “já delinea, em sua própria interpretação da arte e da poesia, um pensar poético (*dichtende Denken*), [...] em oposição crítica à tradição metafísica da Filosofia em fase de superação” (1994b, p.391).

Nessa conferência, Heidegger analisa, principalmente, o quadro de Van Gogh das botas da camponesa – obra figurativa moderna – e um templo grego – obra não figurativa da Antiguidade. O quadro das botas da camponesa não revela apenas as cores na tela ou mesmo a representação de um par de botas. Mas o quadro abre um mundo e a rede de relações humanas e contextuais da camponesa. Nesse aberto do mundo da camponesa vê-se as marcas da umidade e da saturação do solo por onde ela anda, a solidão do caminho do campo pelo cair da tarde e a inquietude silenciosa do seu ganha-pão. “A obra, enquanto obra, erige um mundo. A obra mantém aberto o aberto do mundo” (Heidegger 1935, p.43). O caráter de ser-obra significa abrir mundo. O mundo que é aberto, não está no espaço, mas é ele que delinea esse aberto.

Na medida em que o mundo se abre, a terra surge como aquilo que, por essência, se fecha em si mesma. A obra se retira na terra que porta todas as coisas como o que está encoberto, o que retém e se encerra. A terra aspira manter-se encerrada no aberto do mundo. “A obra move a própria terra para o aberto de um mundo e a mantém-na aí” (Heidegger 1935, p.44), enquanto o que se oculta no aberto. Terra e mundo, ou o que se retira e o aberto, criam uma tensão entre um e outro e estabelecem um combate. Terra e

mundo co-pertencem na fenda (*Riss*) que abarca a intimidade dos combatentes e lhes garante uma unidade.

Para Heidegger, a obra de arte é um acontecer da verdade. A verdade não mais entendida como *adequação*, mas, entendida em seu sentido mais originário, verdade é desvelamento e velamento. Isto é, a verdade como a *alétheia* dos gregos. Na obra de arte, a verdade acontece na tensão do combate entre o aberto do mundo e o encerrar-se da terra.

O tornar-se obra da obra é um modo do acontecer da verdade. A verdade “é o combate original no qual é de cada vez conquistado, de um dado modo, o aberto no qual se introduz e do qual se reserva tudo aquilo que se mostra e se subtrai como ente” (Heidegger 1935, p.62). Na obra, o mundo se abre e se retrai na terra. O combate traz a tensão para a fenda na unidade entre mundo e terra. Deste modo, a verdade se assenta e se estabelece *no* ente obra.

Para Heidegger, o artista e a obra de arte possuem uma origem comum. Origem quer dizer *proveniência de essência*. E a proveniência de essência tanto do artista como da obra de arte é a própria *arte*.

O criar de uma obra não é um simples produzir, pois “a essência do criar está determinada pela essência da obra” (Heidegger 1935, p.62). A obra é uma criação do artista e tem o caráter de ser-criada.

A obra só se realiza na criação e por meio desta. Porque isso é assim, porém, a essência da criação permanece inversamente dependente da essência da obra, e só pode, por isso, ser concebida a partir do ser da obra. O criar cria a obra. A essência da obra, contudo, é a origem da essência do criar (Heidegger 1936b, p.105)

A obra, no ser-criada, só se dá em seu caráter real e efetivo *para* o resguardar (*Bewahrung*) e permanece, sempre, em conexão com os que resguardam. Os que resguardam uma obra são aqueles que são atingidos pela obra. O resguardar é ser tocado pela e a permanência na verdade que acontece na obra. O criado ele mesmo não pode tornar-se o que é sem aqueles que resguardam. A obra só é o que é, somente se completa enquanto obra, quando devidamente resguardada. Resguardar a obra significa deixar a obra ser uma obra.

No resguardar, a obra nos insere na abertura do ente e faz sair daquilo que é habitual. Um abalo silencioso nos remove e modifica as conexões habituais com o mundo e com a terra. Resguardar a obra significa: permanecer nesta abertura do ente que acontece na obra. “É a sóbria insistência no ameaçador da verdade que acontece na obra” (Heidegger 1935, p.71/2).

O modo do resguardar é dado e indicado pela própria obra. A obra ela mesma explicita como se dá seu resguardar. A partir da relação com a desocultação, o resguardar a obra integra os homens na pertença à verdade que acontece na obra e funda o ser-com e para-os-outros do *Da-sein*. “A realidade efetiva mais autêntica da obra só chega a ter efeito aí onde a obra é resguardada na verdade que por ela mesma acontece” (Heidegger 1935, p. 72).

Resguardar e criar co-pertencem à obra de modo essencial, em outras palavras, a arte é, enquanto origem, proveniência de essência comum para ambos. Na obra, está em obra o acontecimento da verdade. E a essência da arte é determinada como o pôr-em-obra da verdade. “A arte é o resguardar criador da verdade na obra. Logo, a arte é um *dever* e um *acontecimento histórico da verdade*” (Heidegger 1935, p.76).

A verdade na obra, como desvelamento e velamento do ente, acontece na medida em que é poetada. “A arte, enquanto pôr-em-obra da verdade é poesia” (Heidegger 1935, p.80), pois permite que o aberto do ente aconteça e ressoe no desdobramento do não-encoberto lançado para a fenda. A essência da poesia é instituição da verdade. “A arte, enquanto instituição, é essencialmente histórica” (Heidegger 1935, p.83) e só há instituição no resguardar.

Sempre que a arte acontece, há um abalo e a história tem um início ou volta a iniciar-se. A arte funda história e este fundar é um salto instituinte, porque já se antecipa e antecipa seu fim, a partir da proveniência de sua essência.

Para Heidegger, na história do Ocidente, o abalo da arte, enquanto instituição, se deu por três vezes. Pela primeira vez foi no mundo grego em que determinou-se o que veio a chamar ‘ser’; na Idade Média, o ente foi tomado como criado por deus; e, na modernidade, foi novamente transformado e o ente passa a ser decifrado e dominado por meio do cálculo. “De cada vez, irrompeu um mundo novo e essencial” (Heidegger 1935, p.83) e esse mundo era regido por uma determinada afinação fundamental.

No mundo grego, o primeiro abalo, caracterizado pelo *espanto*, determinou a pergunta diretriz da filosofia pelo ente. Já a modernidade, segundo Heidegger, é marcada por uma afinação diferenciada que leva o pensamento a colocar, de um novo modo, a questão sobre o ser do ente. Com Descartes, a pergunta pelo que verdadeiramente é se torna a pergunta pelo “ente que é com toda a certeza”. A dúvida cartesiana é a afinação do acordo com a *certeza*. “A afinação da confiança na absoluta certeza do conhecimento a cada momento acessível permanece o *páthos* e com isso a *arkhé* da filosofia moderna” (Heidegger 1955, p.220/1). Também são tipos de afinações fundamentais do pensamento da modernidade a “frieza do cálculo” e a “razão” enquanto prontidão para a “confiança na evidência lógico-matemática de seus princípios e regras”.

Para Heidegger, “o homem histórico funda o seu habitar no mundo sobre a e na terra” (Heidegger 1935, p.44). Fundar um povo quer dizer determinar o acontecer da verdade do ser que nele vigora, e isso significa que só a partir desse conceber é “experimentado, ao mesmo tempo, aquilo que é mais questionável, que, a partir do fundamento, leva e vincula um criar, para além do que já temos perante, ao que é vindouro, e deixa surgir a transformação do homem numa necessidade que brota do ser” (Heidegger 1942, p.121).

O acontecimento-apropriador [*Ereignis*] do seu ser-criada não reverbera simplesmente na obra, mas a lança “para além de si e lançou-a constantemente à sua volta” (Heidegger 1935, p. 69). Quando a arte acontece, ela articula a afinabilidade do *Da-sein* de um povo e funda história. Quando o abalo do acontecimento da verdade se dá na arte, esta modifica a articulação habitual do *emaranhado* de afinações que constitui o mundo compartilhado de um povo. Em outras palavras, ela re-articula a afinabilidade de um povo e abre novas possibilidades de estar afinado fundamental e cotidianamente.

Uma obra é efetivamente enquanto obra quando, no resguardar, o abalo do acontecer da verdade nos desloca e nos lança no aberto, em cuja abertura, nada é como habitualmente. Nessa remoção do habitual e permanência na verdade do ente, um abalo acomete o modo fundamental no qual estamos afinados relativamente às remissões de mundo.

“É só a contenção (*Verhaltenheit*) deste permanecer [na verdade do ente] que permite ao criado ser a obra que é” (Heidegger 1935, p.70). Com a contenção (pelo resguardar) e o abalo do acontecimento da verdade, há um início. E nesse início, funda-se um povo

histórico. O resguardar a obra pode re-articular a afinabilidade e, com isso, afinar de modo fundamental as remissões de mundo de um povo, isto é, determina o ser-com, do mesmo modo como determina a concepção da verdade e, portanto, o pensar de uma era.

A arte desperta, no sentido de deixar-ser, uma afinação fundamental de um povo histórico a partir de uma afinabilidade. Esta “afinação compreendida corretamente, nos dá pela primeira vez a possibilidade de apreender o *Dasein* do homem enquanto tal” (Heidegger 1929/30, p.99). Deixar-ser uma afinação é um modo de apreender o *Dasein* em relação ao “jeito” no qual ele a cada vez é. Esse modo é fundamentalmente determinado por uma afinação mais originária.

Por fim, na obra está em obra o acontecimento da verdade. A arte é essencialmente histórica enquanto resguardar criador da verdade na obra. Ela acontece como poesia e isso significa que é instituição da verdade. A arte funda história na medida em que re-articula a afinabilidade e, assim, funda a afinação fundamental de um povo. No acontecer da arte, o abalo ameaçador do aberto do ente re-funda as remissões de mundo e funda um povo histórico.

Um povo histórico repousa sobre a terra enquanto fundo que se encerra, com o ainda encoberto que já é. Seu mundo vigora a partir da conexão do *Da-sein* com o não encoberto do ser. O abalo do acontecimento da verdade na arte, enquanto poesia, pode transformar a possibilidade de estar afinado fundamentalmente do *Da-sein* histórico na concepção de verdade e a compreensão de ser.

Referências Bibliográficas:

Heidegger, Martin 1927: *Ser e tempo*; Vol I; Trad. Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis, Ed. Vozes, 1999

_____. 1929/30: *Os Conceitos Fundamentais da Metafísica*; Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2003

_____. 1930: “*Sobre a Essência da Verdade*”. In: Heidegger, 1973

_____. 1935: “*A Origem da Obra de Arte*”; In: Heidegger, 1951

_____. 1936a: *Nietzsche I*, Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2007

_____. 1936b: “*Vontade de Poder como Arte*”. In: Heidegger 2007

_____. 1936/38: *Contribuições à Filosofia – do Acontecimento-apropriador*. Trad. Dina V. Picotti. Buenos Aires, Biblos, 2003

_____1942: “*A Época da Imagem de Mundo*”. In: Heidegger 1951

_____1951: *Caminhos de Floresta*. Lisboa, Calouste Gulbenkian, 2002

1955: “*Que é isto – A Filosofia?*”; In: Heidegger, 1973

Col. Os Pensadores. Trad. Ernildo Stein; São Paulo, Abril Cultural, 1973

Adauto Novaes (org) 1994a: *Artepensamento*, São Paulo, Companhia das Letras, 1994

Nunes, Benedito 1994b: “*Poética do Pensamento*”. In: Adauto Novaes, 1994a